

VIVÊNCIA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS DE PETROLINA-PE¹

Edwardo França Gama ²
Vitor Torres Lopes ³
Elza Maria Amorim ⁴
Tatiana Silva de Lima ⁵

Este resumo expandido apresenta um relato das experiências vivenciadas no Programa de Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em desenvolvimento do subprojeto de História da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina, na Escola de Referência em Ensino Fundamental e Ensino Médio Padre Luiz Cassiano (EREFEM) em Petrolina, Pernambuco. A preceptora responsável por acompanhar todo o processo na instituição foi a Professora Elza Maria Amorim. O trabalho foi realizado por um núcleo de alunos da Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina (UPE), sob a orientação da Professora Tatiana Silva de Lima. O núcleo foi dividido em três grupos, sendo este resumo elaborado por Edwardo França Gama e Vitor Torres Lopes.

É consenso entre alguns professores que os motivos pelos quais estudar ou ensinar determinada coisa devem preceder essas ações e estar bem fundamentados na mente daqueles que pretendem realizá-las. O mesmo pode ser dito sobre os modelos educacionais e o conteúdo que se pretende lecionar por meio deles. Thais Nivia de Lima e Fonseca (2003), doutora em história, destaca como o estudo do ensino de história pode esclarecer muitas questões sobre o trabalho do historiador.

Fonseca (2003) descreve ainda que um docente nunca deve estar parado, pois a busca pelo conhecimento e o aprimoramento do próprio ensino são essenciais. Além disso, os modelos antigos e tradicionais de ensino estão passando por mudanças, como afirmou o doutor em educação Vilmar Aires dos Santos (2021, p. 3): "As pesquisas têm revelado que, apesar de algumas permanências de modelos formativos considerados inadequados e

¹ Programa Residência Pedagógica (2022-2024) fomentado pela agência governamental CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

² Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, eduardo.gama@upe.br;

³ Graduando pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, vitor.torrel@upe.br;

⁴ Professora da Rede Estadual de Educação de Pernambuco - Sertão Médio São Francisco. elza_maria_amorim@hotmail.com;

⁵ Professor orientador: Professora Adjunta do curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina tatiana.lima@upe.br.

ultrapassados, é possível vislumbrar sinais de mudanças na formação de professores no Brasil.". Isso faz com que a disciplina, mesmo apresentando conteúdos iguais entre todas as escolas, proporcione experiências, vivências e questionamentos diferentes para cada indivíduo. Portanto, o programa Residência Pedagógica traz a possibilidade de uma nova visão para os alunos, assim como diversos questionamentos para o residente.

Ao compreender a proposta do programa, foi possível pressupor as contribuições que o mesmo poderia trazer para a formação docente, desde as experiências práticas em si, até o contato mais próximo com a abordagem dos conteúdos presentes no ensino fundamental/médio, com a teoria e metodologia do ensino da história, além da oportunidade de vivenciar de perto o trabalho de um profissional da mesma área atuando no cotidiano. Os objetivos almejados dentro do programa referem-se a incentivar a formação docente, transmitir uma bagagem teórico-pedagógica e promover práticas guiadas por ela, proporcionando uma vivência próxima dos alunos e dos desafios em sala, além de observar de perto as metodologias utilizadas pelo preceptor(a) responsável. Ou seja, "um dos aspectos que o Programa Residência Pedagógica também pode oportunizar é a formação continuada dos próprios professores em exercício." (SILVA, 2019, p. 31, 32).

A teoria tem grande relevância ao longo do programa, por isso, é importante ressaltar a importância dos referenciais teóricos que guiaram os residentes. Entre os principais nomes, destaca-se Vilmar Aires dos Santos, cuja contribuição está na abordagem da formação docente em História, com foco no contexto da residência pedagógica, especialmente no ensino fundamental. E Hsley Machado Silva, que enriquece a bagagem teórica por meio da discussão sobre os obstáculos e esperanças na prática do profissional docente, considerando o contexto em que há diminuição da procura pelas licenciaturas de modo geral.

O Programa de Residência Pedagógica teve início em novembro de 2022, com a distribuição dos residentes nas escolas que participaram do programa. Como acontece em todas as edições, um tema central definido, e o projeto institucional da UPE aborda: Articulações pedagógicas inovadoras na docência inclusiva: caminhos para o processo formativo docente. Essa temática foi debatida em reuniões e formações com os demais integrantes do núcleo de História, a orientadora Tatiana e uma professora especialista no assunto, o que foi de grande relevância para fomentar a discussão. O tema central desta terceira edição é de extrema importância na nossa sociedade: a inclusão. Como destacado por Neto (2018, p. 83), "falar sobre inclusão ainda é um desafio para muitas pessoas, pois é um campo desconhecido para muitos."

No mês subsequente, dezembro, tivemos a primeira vivência na escola-campo, entretanto, como esse foi o último mês do ano, não tivemos contato com os alunos. Apenas realizamos o diagnóstico da escola e nos encontramos com a coordenação e os professores de História da instituição. Esse encontro inicial foi importante, pois nos deixou familiarizados com a escola e com toda a gestão. Além disso, durante o acolhimento, conhecemos a equipe do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que nos ajudaria futuramente com a preparação do material didático voltado para a inclusão.

Em fevereiro, as reuniões continuaram, e tivemos os encontros formativos na escola e as primeiras observações das aulas. Dessa forma, pudemos observar turmas do ensino fundamental ao médio, com professores diferentes. Apesar de algumas dessas turmas não terem sido recorrentes ao longo do projeto, essa experiência foi benéfica, pois nos permitiu vivenciar e testemunhar metodologias distintas, analisando a dinâmica da escola e dos alunos. No começo, os alunos estranharam nossa presença nas aulas, mas com o tempo, eles se acostumaram e começaram a nos chamar de professor.

Em março, as primeiras regências começaram e trouxeram um novo aprendizado. No dia 7 de março, a dupla ministrou as primeiras aulas concentradas nos 6º, 7º e 9º anos do ensino fundamental. Nos 6º e 7º anos, os alunos tiveram uma menor resistência à nossa presença e logo começaram a nos chamar de professores. A primeira aula foi no 6º ano A, onde foi explicado o conceito de tempo histórico e apresentada uma periodização da História. Ainda nessa sala, posteriormente foram elaboradas algumas aulas sobre fontes e construção do conhecimento histórico. A turma é muito boa: são participativos, calorosos, sinceros e, até certo ponto, bastante disciplinados. Com relação ao 7º ano A, foram ministradas aulas sobre os povos pré-colombianos, mais especificamente sobre os Incas, Tupis, Maias e Astecas.

Já no 9º ano, a aula foi sobre a República Velha, com destaque para a República da Espada. Durante essa aula, fizemos um paralelo entre os primeiros anos da república e a Constituição estabelecida, comparada com a do Brasil imperial e a atual. Além disso, levantamos algumas questões sobre voto e direitos, e os alunos demonstraram maior interesse quando falamos sobre as oligarquias e o coronelismo. Procuramos variar as formas de ensinar o conteúdo nas nossas aulas, desde slides com imagens e mapas até atividades e perguntas que fizessem os alunos interagirem.

No mês de abril, tivemos o segundo encontro formativo e a culminância do nosso produto didático voltado à inclusão, que consistiu na criação de um folder com orientações sobre os transtornos mais comuns na escola e informações sobre o AEE. Essa ideia surgiu a partir da análise do PPP da escola. Fizemos então o folder com informações sobre os

transtornos mais comuns presentes na escola, explicando o básico sobre cada um deles e instruindo-os a procurar, caso quisessem, o AEE. A entrega dos folders, junto com nossa explicação, ocorreu na entrada interna da escola no momento de saída dos estudantes, de maneira que não atrapalhasse a semana de avaliações deles.

Para sabermos quais transtornos estavam mais presentes na escola, nos foi disponibilizado um documento atualizado, contendo essas informações. A partir deste, foi notável a grande quantidade de alunos com transtornos como déficit de atenção, hiperatividade, dislexia, autismo, além de deficiência intelectual e física. Esse produto didático mostrou-se relevante para os alunos, uma vez que alguns deles não só se identificaram com a descrição de alguns transtornos, o que pode levá-los a procurar ajuda, como também entenderam a importância de incluir aqueles com alguma deficiência ou transtorno. Porém, a relevância desse tipo de iniciativa está presente em um campo mais amplo, pois,

ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas (BRASIL, 2008).

Com o fim do primeiro módulo, em abril, percebemos que estabelecemos um vínculo com os funcionários da escola e com os demais professores. Os consideramos bastante acolhedores e simpáticos. Em relação aos alunos, embora não tenha ficado claro durante todo o processo, muitos demonstraram ter gostado das nossas aulas e da nossa presença em sala, alguns até disseram que sentiram saudades. Houve ainda uma culminância de encerramento do módulo, na qual ocorreu a apresentação das experiências vivenciadas pelo núcleo de todos os cursos que integram o PRP no Campus Petrolina, com a exposição dos produtos didáticos e a fala de alguns residentes.

Quanto ao segundo módulo da residência pedagógica, teve início no dia 23 de Maio de 2023 e continua em vigência. Nele, foram realizadas reuniões semanais com a coordenadora, com as preceptoras e com os residentes dos demais núcleos acerca de temas pré-definidos, como: A educação antirracista; os estudos decoloniais; as leis que fundamentam o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena e metodologias ativas de ensino. Em julho, inclusive, houve uma formação com uma psicóloga sobre saúde mental, onde reunimo-nos com residentes de outros núcleos. Além disso, na escola/campo podemos reger aulas acerca dos temas: revolução industrial; mudanças na Europa feudal; imperialismo e

primeira guerra mundial. Atualmente, em conjunto com os demais integrantes do núcleo, estamos elaborando um produto didático que deve ser realizado com os alunos do ensino fundamental dois, abordando uma temática voltada para os povos africanos ou indígenas.

O Programa de Residência Pedagógica é uma experiência maravilhosa, pois proporciona a oportunidade de conviver em uma escola durante o curso, o que é uma vivência importante para os futuros professores. É reconhecida a necessidade de buscar sempre o aperfeiçoamento pedagógico por meio da formação inicial e continuada, superando as barreiras encontradas no atual contexto da sala de aula e objetivando alcançar uma educação verdadeiramente inclusiva.

Por fim, o PRP, sem dúvida alguma, é capaz de proporcionar um grande vislumbre da ação docente na escola, além de se preocupar com o debate e a inclusão de determinadas temáticas sociais no cotidiano dos seus residentes. Portanto, essa experiência é valiosa para o desenvolvimento profissional dos futuros educadores e contribui para uma prática mais comprometida com as demandas da sociedade.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Docência; Aprendizagem e Ensino de História

REFERÊNCIA

BRASIL, CIBEC/MEC. **Inclusão: revista da educação especial**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, v.4, n. 1, 2008.

SANTOS, Vilmar Aires dos. **Formação docente em História: o programa de residência pedagógica e a imersão na educação básica**. Teresina: Epistemologia e Práxis Educativa (EPEduc) - UFPI, v. 4, n. 2, 2021.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NETO, Antenor de Oliveira Silva et al. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018.

SANTOS, Vilmar Aires dos. Formação docente em história: o programa de residência pedagógica e a imersão na educação básica. **Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc**, v. 4, n. 2, 2021.